

Tu fust'la Verga, el tu fijo la flor: Gonzalo de Berceo e a infância medieval

Augusto de Carvalho Mendes*

Resumo

Neste trabalho faremos algumas considerações sobre a infância no século XIII apresentando críticas à conhecida tese de Philippe Ariès sobre o tema. Para tanto estudaremos as obras de Gonzalo de Berceo, primeiro poeta conhecido a escrever em castelhano.

Palavras-Chave: Infância; Idade Média; Gonzalo de Berceo; Philippe Ariès.

No Brasil os estudos sobre a infância medieval ainda estão no seu começo. Se há pouco tempo nossas pesquisas nesse campo repousavam como em um berço, cujas grades eram as idéias de Philippe Ariès, hoje os historiadores nativos começam a engatinhar, ainda que vagarosamente, por esse rico campo de trabalho. Ficaremos satisfeitos se pudermos, com esse breve ensaio, prestar alguma ajuda aos que queiram estudar assunto de tal relevância.

A tese de Philippe Ariès é sobejamente conhecida: até aproximadamente o século XV a criança seria algo desprezado ou desvalorizado pela sociedade européia. Não haveria nem mesmo o conceito de infância, sendo a ela considerada apenas como um pequeno adulto. Ela ganhou a adesão de grandes historiadores como Jean Delumeau, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt acabando por se tornar bastante divulgada e mesmo predominante entre os especialistas. As idéias de Ariès não ficaram apenas no âmbito acadêmico dos estudos históricos, mas rapidamente conquistaram espaço, sobretudo, entre psicólogos e sociólogos norte-americanos. Apenas no ano de 1980 seu

* Graduado em História e mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Este estudo é dedicado à memória do inesquecível professor Orlando Fedeli, com quem pude conversar um pouco sobre o assunto dessas linhas numa tarde ensolarada há cinco anos, quando me apresentou questões do tipo: “Não se importavam com as crianças na Idade Média? E *San Tomás*? E *San Bernardo*, com quem aprenderam? De onde vieram? Se haviam homens dessa qualidade é porque se importaram muito com eles quando crianças”. Se há quem repita isso hoje é porque houve quem se importou muito com ele. Agradeço ao David Balparda pelo *abstract*, ao Frederico Branquinho por um livro de Itália e à professora Heloisa Guaracy pela motivação de ontem e de hoje.

estudo foi citado em mais de 75 livros publicados nos Estados Unidos. (BECCHI; JULIA, 1998, p.18-19)

Assim não é de se estranhar que essas idéias sejam totalmente acatadas por muitos americanos, integrando a cultura em geral. A historiadora Barbara Hanawalt já encontrou pessoas nos EUA que imaginam o penoso trabalho infantil nas manufaturas da Idade Média. “Como uma mulher disse quando ouviu o assunto do meu livro, ‘infância’? Mas as crianças trabalhavam em fábricas na Idade Média. Não havia infância”. (HANAWALT, 1993, p.7) A mesma projeção foi verificada por Nicholas Ormes na Inglaterra (ORMES, 2003, p.2).

No Brasil a situação não é diferente. Não é raro encontrar adesão à teoria de Ariès em estudos históricos, pedagógicos, literários, psicológicos e sociológicos, sendo que em muitos cursos seu livro é leitura obrigatória. Pode-se afirmar que a tese de Ariès é hegemônica. O autor é citado até mesmo por jornalistas como Hélio Schwartzman (2004), da *Folha de São Paulo*, para explicar que os sentimentos dos adultos pelas crianças datam do fim do século XVIII, dando a entender que, caso a morte de 156 crianças na escola russa de Beslan, em 2004, tivesse ocorrido mil anos antes, passaria em brancas nuvens.

Sendo assim, muitos se surpreenderiam ao saber que o próprio Philippe Ariès (apud ALEXANDRE-BIDON; LETT, 1999, p.1) reconheceu, há quase 30 anos, o seu equívoco, ao afirmar: “Eu me arrependo de não ter me informado melhor sobre a Idade Média da qual meu livro fala tão pouco”. Tal revisão não se deu gratuitamente. A publicação de seu livro *Le Enfant et la Vie Familiale sous l’Ancient Regime* foi alvo de uma série de críticas por historiadores competentes como Jean Louis-Fladrin, Emmanuel Le Roy Landurie e Pierre Riché, logo após a sua publicação. O número de estudos e a variedade de abordagens sobre a História da Infância realizados desde a década de 1960 até os nossos dias nos dá tranquilidade para concordar com Barbara Hanawalt (1993, p.7) na caracterização da tese de Ariès como “*a folkloric theory*”.

Se a bibliografia crítica sobre a obra aumenta a cada dia, no Brasil, além de alguns poucos artigos, contamos com o livro *Um monge no divã: a trajetória de um adolescer na Idade Média Central*. Curiosamente, não foi escrito por um historiador de profissão, mas por um psicanalista. Enquanto isso, na França, já é possível encontrar até um livro paradigmático, *La vie des écoliers au Moyen Âge*, de Daniele Alexandre-Bidon, com um material iconográfico muito instrutivo, de modo que as crianças francesas, a

partir dos nove anos, podem ser bem mais informadas sobre a infância medieval do que nossos jornalistas e professores.

A tese de Ariès, em última análise, condiciona o surgimento de um sentimento favorável à infância ao desenvolvimento socioeconômico da Europa ocidental. Partimos de um ponto de vista diverso. Sem negar a óbvia influência das condições econômicas sobre os sentimentos e a ação humana nos seus mais variados desdobramentos, pensamos que o principal fator para contribuição de uma nova visão da infância situa-se no plano religioso. Essa idéia, já aventada antes do mencionado autor, é desposada por alguns dos maiores especialistas da História da Infância medieval na atualidade, como Dider Lett e Egli Becchi.

Considerando os aspectos levantados, sentimo-nos encorajados a examinar o pensamento de um famoso clérigo medieval a fim de apreender sua visão sobre as crianças, como elas deveriam agir, assim como os deveres dos pais, como elas deveriam ser tratadas. Esse homem que iremos interpelar merece, antes, uma apresentação.

Gonzalo de Berceo e o *Mester de Clerecía*

Sabemos pouco a respeito da biografia de Gonzalo de Berceo, em grande medida baseada em conjeturas (SILVA, 2008, p.47-65). Não temos documentos exatos sobre a data de seu nascimento, estimada por volta de 1195, em Berceo, pequena cidade de La Rioja que, já há algum tempo, se aproximava política e culturalmente do Reino de Castela, no centro da Espanha atual. Pouco se sabe também sobre sua família, exceto o fato de seu irmão Juan ter seguido vida religiosa. Boa parte das informações que temos sobre a vida do poeta nos chegou através de suas próprias apresentações. É ele quem diz que:

*Gonzalvo fue so nomne qui fizo est' tractado,
en Sant Millán de Suso fue de niñez criado;
natural de Verceo ond' Sant Millán fue nado,
Dios guarde la su alma del poder del pecado.
Amén.* (VSM, 489)¹

Gonzalo foi seu nome, do que fez este tratado, em São Milão de Suso foi desde pequeno criado; atural de Berceo onde São Milão foi gerado, Deus guarde a sua alma do poder do pecado. Amém.

¹ Citaremos suas obras da seguinte maneira: *Vida de San Millán de la Cogolla* será VSM, *Vida de San Domingos de Silos* será VSD, *Poema de Santa Oria* ficará PSO, *Lores de Nuestra Señora* será LNS, *Milagros de Nuestra Señora* fica como MNS, *El Duelo de la Virgen* será DV, *Del Sacrificio de la Misa* será DSM, e por fim *Los Signos del Jucio Final* fica como SJF. O número indica a estrofe e as letras especificam o verso. Fizemos tradução rimada, mas não observamos a métrica. O vernáculo, na maioria das vezes, segue os termos castelhanos, quando não foi possível, tentamos reter o sentido original.

Gonzalo foi criado, como ele mesmo afirma, no mosteiro beneditino de San Millán de La Cogolla, distante um quilômetro e meio de sua cidade. Discute-se se o termo “criado” é usado no sentido de educado ou de realmente cuidado no mosteiro, possivelmente como um oblato, talvez por ter ficado órfão. As duas possibilidades são plausíveis, poderia ter sido oferecido ao mosteiro, uma prática comum na época, ou apenas ter sido levado para lá por seus pais a fim de que tivesse sua educação básica, já que ali, além da biblioteca e do *scriptorium*, havia uma escola.

Não temos conhecimento de detalhes sobre a sua permanência no mosteiro de San Millán. Só se sabe que Gonzalo de Berceo não seguiu carreira monástica, pois na década de 20 do século XIII vemo-no fazer parte do clero secular da diocese de Calahorra que, desde 1220, era dirigida pelo Bispo Juan Pérez. Após sua ordenação, Gonzalo, assim como seu irmão, serviu na igreja paroquial de Berceo. Além das funções de clérigo é possível que ele tenha ensinado na escola paroquial e no mosteiro de San Millán.

Os especialistas discutem a possibilidade de Berceo ter frequentado o recém fundado Estudo Geral de Palência, visto que seu modo de compor se enquadra no chamado *Mester de Clerecía*, estilo poético desenvolvido naquele centro de ensino. Não podemos concluir se o futuro poeta teria ou não essa formação. Outra hipótese aventada é que ele poderia ter continuado seus estudos na escola da catedral de Calahorra e apenas ter passado algum tempo estudando em Palência ou mesmo em outras cidades européias. Mas é praticamente certo que ele tenha sido diretor espiritual no mosteiro de San Millán visto que é chamado de *Maestro de Confession* na documentação jurídica da época.

Discute-se ainda a possibilidade de ter sido notário do abade do mesmo mosteiro. Vale lembrar que algumas de suas obras versam sobre personagens ligados ao mosteiro. Assim como a sua vida, só sabemos de sua morte por aproximações. Naquela que seria sua última obra, o *Martírio de San Lorenzo*, Berceo já retrata a si mesmo como um velho cansado, tendo quase 70 anos, uma idade avançada para época. Um breve esboço de sua vida nos ajudará a refletir um pouco sobre sua cultura e sua obra.

Gonzalo de Berceo foi autor de nove livros, todos em verso. *Loores de Nuestra Señora*, *Duelo que fizo la Virgen* e *Milagros de Nuestra Señora* são suas obras dedicadas à Virgem Maria. Sobre os santos escreveu *Vida de San Millán*, *Vida de Santo Domingo de Silos*, *Poema de Santa Oria* e *Martirio de San Lorenzo*. Escreveu livros doutriniais como *De los signos que aparecen antes del Juicio Final* e *Del sacrificio de la*

misa. Além disso, traduziu para o castelhano três hinos litúrgicos. Como já mencionado acima, suas obras estão inseridas na escola poética denominada *Mester de Clerecía* que, vinculada aos Estudos Gerais de Palência, apresenta algumas características próprias. Embora apresentado certas variações, baseiam-se em fontes escritas e têm um caráter didático, observando-se a preocupação com a métrica e a rima. É uma poesia douta, seja pelos temas por vezes históricos, seja pelo cuidado formal com a composição. Como se sabe, seu nome foi tirado dos conhecidos versos do *Libro de Alexandre*:

Mester traigo fermoso, non es de joglaría, mester es sin pecado, ca es de clerezía; fablar curso rimado por la cuaderna vía, a sílabas contadas, ca es grant maestría. (ANONIMO, 1983, p.99)

Um poema trago formoso, não é de juglaria, é obra sem pecado, pois é de cleresia; fazer verso rimado da quádrupla sabedoria,² em sílabas contadas, é de grande maestria.

Como podemos ver, o autor coloca-se em oposição aos *juglares*, os poetas populares, criticados, por Berceo, em algumas passagens. O caráter culto da sua poesia é destacado por especialistas como Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva:

Quanto à forma, as vidas de santos berceanas foram compostas com versos de quatorze sílabas, divididos em dois hemistíquios simétricos, com acento rítmico na sexta sílaba, e rima consoante. Cada grupo de quatro versos forma uma estrofe, denominada de *cuaderna vía* ou tetrásforo alexandrino. Os antecedentes da *cuaderna vía* podem ser encontrados na poesia francesa, porém, foi na Península Ibérica que ganhou importância. [...] Escrever estrofes em *cuaderna vía*, portanto, foi um árduo e complexo trabalho intelectual. Só um homem letrado e com amplo domínio das técnicas de composição poderia ter escrito tais obras, já que essa tarefa exigia o conhecimento de um amplo vocabulário, de grande poder de síntese e observação, domínio de retórica, tempo disponível para reflexão e conhecimento profundo da forma literária adotada. (2008, p.98-99)

Tendo isso em mente poderíamos pensar na sua poesia como distante da cultura popular, portanto pouco propensa a fornecer informações sobre ela. Contudo, essa concepção sobre a poesia de Berceo não nos correte. A sua própria obra só se explica se considerarmos as pessoas do povo já que:

Quiero fer una prosa en román paladino en qual suele el pueblo fablar con so vecino. (VSD, 2, ab)

Quero fazer uma prosa em romance paladino na qual costuma o povo falar com seu vizinho.

² A “cuaderna vía” é a tradução de Berceo para “Quadrivium”, o conjunto das ciências matemáticas (aritmética, geometria, música e astronomia) que se estudava após o Trivium como preparação para o estudo da Filosofia e da Teologia. Aqui faz referência ao caráter erudito do poema, pois seu assunto é retirado de livros escritos em latim.

Em que pese a sua elevada cultura, não podemos separá-lo do seu meio social que, se de um lado incluía monges e letrados, por outro não excluía os simples fiéis de sua paróquia. Concordamos com Joël Savignaux (1978, p.70) quando afirma que fazer parte de uma elite como o clero não significa necessariamente ser elitista e, desse modo, o poeta riojano pode ser considerado um defensor das devoções populares. Com efeito, é difícil ver em Berceo um poeta desatento aos costumes e anseios dos simples. No dizer de outro conhecedor profundo de sua obra:

Lo popular constituye la misma entraña de la obra de Berceo. Las comparaciones, las imágenes, las fórmulas juglarescas, el trasfondo campesino, la plasticidad de las descripciones, el arte de los detalles, el humorismo socarrón, la atmosfera que se respira: todo esto lleva consigo una fuerte carga popular. (ARQUILES, 1964, p.211)

Essa aproximação de Berceo com a cultura popular pode ser reforçada se tivermos em mente que três de suas principais obras, a *Vida de San Millán de La Cogolla* e a *Vida de San Domingos de Sillos* e o *Poema de Santa Oria* retratam santos locais, venerados na região. Ou, ainda, diante da quantidade de termos populares empregados nas obras, ao atentarmos para as comparações que o poeta faz.

Junto com Savignaux, que estudou as relações entre a cultura popular e a cultura erudita na obra de Berceo, consideramos que nelas temos uma imbricação de ambas. Se as fontes de Berceo são originadas num ambiente clerical e letrado, se seu estilo valoriza aspectos formais que só com bastante esforço intelectual podem ser alcançados, não podemos esquecer que o poeta usa frequentemente de recursos que poderiam despertar a sensibilidade popular. Na maioria das obras, fala de modo a ser entendido pelo povo e entreter os ouvintes. Para tanto deveria, de alguma forma, falar como as pessoas comuns, sobre o que pudesse ter alguma relevância na vida delas. De outra forma o poeta não poderia alcançar seu objetivo de difundir devoções entre o povo. Assim é possível considerar que boa parte de sua poesia contém um eco da vida popular e, ao mesmo tempo, uma tentativa de formar essas pessoas de acordo com os ensinamentos da Igreja. Vários outros autores, como Fernando Vallejo (2003, p.51-61), são da mesma opinião.

Entendimento popular da religião na obra de Berceo

Em Gonzalo de Berceo encontramos uma figuração muito familiar de Deus e dos santos, um modo de considerar as realidades sagradas provavelmente próxima do

entendimento popular da religião. Abraão é chamado de nosso avô (DSM, 64a) e nós somos tidos como netos de Adão e Eva (VSD, 330d); a abadessa grávida considera a Virgem como madrinha de seu filho (MNS, 450d); e qual monja dos nossos dias, mesmo sabendo-se esposa de Cristo, a chamaria de sogra? (PSO, 31)

A Virgem e seu Filho constituem, evidentemente, o modelo mais representado e mais encarecido pela cultura medieval de sua época. E esse modelo, nas obras de Berceo, é de uma afetividade muito enraizada e humanizada, que nasce da maternidade da Virgem. O fato de ter aleitado o Menino Jesus é uma das causas desse vínculo afetivo:

Amigos, se quisiéssedes un pocco sperar, aun outro miraclo vos qerría contar, qe por Sancta María dennó Dios demostrar, de cuya lege quiso con su boca mamar. (MNS,75)

Amigos, se quiserdes um pouco esperar, um outro milagre queria vos contar, que por Santa Maria, Deus, que quis mamar com sua boca do seu leite, dignou-Se mostrar.

Ou ainda, nas palavras atribuídas à Virgem:

Díssoli la Gloriosa: “Yo so sancta Maria Madre de Jesu Christo qe mamó leche mia.” (MNS, 109ab)

Disse-lhe a Gloriosa: “Eu sou santa Maria, Madre de Jesus Cristo, onde mamou com alegria”.

Interessante ressaltarmos que essa figuração maternal da Virgem não se encontra na fonte de Berceo. É um acréscimo do poeta riojano que talvez tenha se baseado nas esculturas góticas que representavam muito humanamente o divino par. Poderia ainda ter se inspirado no que conhecia das mães da época já que o comportamento da Gloriosa, especialmente nos *Milagros* e no *Duelo*, é mais parecido com o de uma mulher do povo do que com a da Rainha dos Céus. (CHAVES & CHAVES, 1978, p.94)

Sabe-se que por vezes há certa relação entre a representação e o representado, ligação que na Idade Média era bastante ressaltada. Assim, também as imagens da Virgem e do Menino Jesus eram vistas como um símbolo de doçura:

de la Virgo gloriosa vidieron la figura con su ninno en brazos, la su dulz creatura. (MNS, 715 cd)

da Virgem gloriosa viram a figura com seu Filho nos braços, a sua doce criatura.

Ou em outra passagem:

Paráronse delante al Ninno coronado el qe tenié Madre dulzement abrazado. (MNS, 692ab)

Pararam-se diante do Menino coroado, O que estava com sua Mãe docemente abraçado.

Essa serena ligação afetiva ganha novos contornos com a morte de Cristo. Em *El Duelo de la Virgen*, que retrata a dor da Virgem Maria ao ver seu Filho crucificado, temos algumas passagens típicas dos sentimentos de mãe:

Fijo, por qué dexades vuestra madre vevir quando puesto avíedes vos de en cruz morir? Filho, por que deixais vossa mãe viver quando vos pusestes na cruz a morrer?

E em continuação, no longo pranto da Virgem que constitui quase toda a obra, encontramos uma declaração impressionante:

Quando a vos de muerte non queríedes guardar, Fijo, a mí deviédes delante vos levar; que de vos non vidiese yo tamaño pesar, Fijo, en esto solo vos he por qué reptar. (DV, 128) Quando da morte não quisestes Vos guardar, Filho, a mim devias, antes de Vós, levar; que eu não visse Vosso tamanho pesar, Filho, só nisto Vos tenho que reprovar.

A Virgem reclama que se o seu Filho não queria Se guardar da morte deveria concedê-la antes à sua Mãe. E ainda cogita ser isso a única coisa a censurar no comportamento de seu Filho-Deus! Na estrofe seguinte a Virgem declara que não ousaria tanto, mas aqui vemos claramente o conflito entre a humilíssima *ancilla Domine* da Bíblia e da Teologia e a Mãe que pranteia seu Filho.

Seja nos momentos agradáveis, seja nos de extremo sofrimento, o que Gonzalo de Berceo vê entre a Virgem Maria e seu Filho, modelo por excelência das relações entre mãe e filho na cultura medieval, é uma ligação afetiva muito profunda:

Con rabia del mi Fíio, mi padre, mi sennor, mi lumne, mi conuerto, mi salut, mi pastor, mi vida, mi conseio, mi gloria, mi dulzor, nin avia de vida nin cobdiçia, nin sabor. (DV, 46) Com pena de meu Filho, meu pai, meu Senhor, meu lume, meu conforto, minha saúde, meu Pastor, minha vida, meu conselho, minha glória, meu dulçor. Não tinha gosto da vida, nem sabor.

A hagiografia como fonte para a História da Infância

Outro modelo para os fiéis são os santos. E parte considerável das obras de Gonzalo de Berceo são hagiografias. Mas se elas apresentam um ideal proposto ao povo, seriam fontes adequadas para a História da Infância? Em que pese alguns problemas, cremos que sim. István Bejczy classifica as hagiografias, quanto ao tratamento da infância, em dois grupos: um apresentaria a santidade como um fato dado, o outro como um desenvolvimento progressivo. No primeiro tipo de hagiografia o santo o é desde que nasceu ou mesmo antes de nascer (BEJCZY, 1994, p.144). Em muitos

escritos desse tipo os nascimentos dos santos são precedidos por sinais, seu comportamento já no berço é bastante especial: rejeitam ser aleitados por mulheres de má conduta e por vezes fazem jejum e penitência. Para ficarmos no âmbito ibérico poderíamos citar a hagiografia de São Domingos de Gusmão escrita no século XIII pelo frei dominicano Rodrigo de Cerrato. O hagiógrafo conta, entre outros sinais, o seguinte:

[...] sua mãe, antes de concebê-lo, viu em sonhos que em seu seio levava um cachorro com uma tocha ardente na boca, e que ele, uma vez saído de seu seio, parecia que incendiava todo o mundo. Isso era sinal que dela haveria de nascer um Pregador esclarecido, que com a tocha de sua palavra ardente a caridade, que se havia resfriado no mundo, se avivaria ainda mais fortemente. (CERRATO, 1973, p.776)

Os sinais não falhariam porque já na tenra infância o pequenino nobre dava mostra do comportamento que levaria por toda vida:

E sendo ainda criancinha (*puerulus*) e ainda dependente dos cuidados de uma ama, foi muitas vezes surpreendido deixando o leito, como se já aborresse os deleites da carne e desejasse mais dormir sobre a terra que descansar tranquilamente sobre uma cama. E desde então tomou a resolução de dormir sobre o solo, privando-se da brandura do leito. Porque desde sua infância esteve com ele a Graça divina que, obrando nele, o alentava a fazer o melhor. (CERRATO, 1973, p.776-777)

No segundo grupo de hagiografias a santidade é retratada num desenvolvimento gradual, como o das *Confissões* de Santo Agostinho, sendo, porém, muito precoce. É nesse grupo que as Vidas escritas por Gonzalo de Berceo se enquadram. Não há nenhum prodígio antes ou durante os nascimentos de Oria, Domingos e Millán. Dos seus santos, não conta nenhum milagre feito no berço.

Mesmo este tipo nos parecendo mais “realista”³ não podemos esquecer que, por definição, a hagiografia não trata de pessoas comuns e sim de figuras muito destacadas. A observação procede se tivermos em vista que alguns historiadores parecem ver no relato hagiográfico a representação que os escritores medievais tinham das crianças comuns. Infere-se daí que, se nos escritos hagiográficos os santos já na mais tenra idade se abstém de brincadeiras e de comer, seria porque seus escritores não teriam sensibilidade para reconhecer a diferença que existe entre o comportamento infantil e o adulto, projetando no primeiro modos que só encontramos no segundo. Ângela

³ Vemos certa tendência de tratar esses casos como meramente invenções literárias, fruto do pensamento medieval. Não devemos esquecer que havia crianças nos mosteiros, tendo uma vida religiosa intensa e que, no século XX, podemos ver fenômenos análogos. Um exemplo seriam os três pastorzinhos de Fátima que com pouca idade dedicavam horas e horas à oração.

Giangollo (1997, p.81-82) ironiza a leitura apressada de tais historiadores, já que é comum encontrar nas hagiografias indicações de que tais casos eram vistos como extraordinários. István Bejczy (1994, p.148) é da mesma opinião. É isso justamente que se percebe nas obras de Berceo:

Sanctos fueron sin dubda e justos los Parientes que fueron de tal fija engendrar merescientes: de niñez fazié ella fechas muy convenientes, sedién marabilladas ende todas las gentes. (PSO, 17)

Santos e justos foram, sem dúvida, seus genitores; que foram de tal filha gerar merecedores: ainda menina ela tinha modos muito convenientes, ficavam deles maravilhadas todas as gentes.

Parece-nos bastante evidente que o comportamento da menina é considerado incomum, maravilhando a todos. Na vida de São Domingos de Silos encontramos um trecho ainda mais claro:

Sirvié a los parientes de toda voluntad, mostrava contra ellos toda humildad, traié, maguer niñuello, tan gran simplicidad que se maravillaba toda la vecindad. (VSD, 10)

Servia aos pais com toda boa vontade, mostrava com eles toda humildade, tinha, apesar de menininho, tão grande simplicidade que se maravilhavam todos na proximidade.

Fica patente a idéia de que ele agia com tão grande simplicidade apesar (*maguer*) de ser criancinha. Por isso toda a vizinhança se maravilhava. Evidente que o fato de a hagiografia tratar de pessoas especiais não a desqualifica como fonte para o estudo das crianças comuns da Idade Média. Como qualquer outra fonte ela demanda uma leitura especializada.

A hagiografia é uma espécie de biografia, mas sua especificidade, como indica a etimologia, é o tratamento do sagrado. Assim, ela pode ser lida de dois modos. Num primeiro momento, devemos observar quais são os fatores não relacionados com a santidade, os elementos que podemos denominar de profanos ou comuns. Tomando a hagiografia como fonte para o estudo da História da Infância, poderíamos considerar, entre outros, os seguintes elementos: as regras sociais, as expectativas sociais e familiares, os preconceitos, as práticas educativas, os sentimentos familiares, o mundo do trabalho.

Numa segunda leitura podemos atentar para aquilo que está relacionado à santidade do personagem, especificamente. Nesse momento, devemos ver a hagiografia como um negativo fotográfico, buscando conhecer a regra a partir da observação da exceção. Aqui focaríamos nossa atenção principalmente no comportamento do pequeno santo, como ele trata seus parentes, seus amigos e a si mesmo. Se observarmos-no

segurando a língua para não proferir palavras inconvenientes, e isso ser apresentado pelo hagiógrafo como um feito extraordinário, é evidente que devemos pensar que o comum das crianças, na visão de quem escreveu o relato hagiográfico, agiria de modo exatamente oposto. É evidente que o método sempre deve se adaptar ao material analisado e não o contrário, cada texto demandando uma abordagem particularizada. Feita essa breve observação, trataremos as Vidas escritas por Berceo juntamente com as suas outras obras.

O desejo de ter crianças

Indiscutivelmente a história das crianças começa com a história de seus pais. O historiador interessado em conhecer a vida em tempos passados deve entender, primeiramente, qual era a expectativa dos pais quanto aos seus filhos. O que os homens e mulheres esperavam deles? Ou ainda, esperavam ter filhos? Sabemos que muitos casais de hoje preferem evitá-los. Poder-se-ia dizer o mesmo dos casais medievais? Excluindo os casos nos quais a gravidez seria socialmente inaceitável, por exemplo, a de religiosas ou de mulheres que gestavam de filhos que não de seu marido, podemos pensar que os casais da Idade Média, de modo geral, ansiavam ter filhos.

Aliás, a sociedade medieval não só esperava, mas cobrava que os casais tivessem descendência. Não gerar filhos poderia gerar uma série de incômodos: entre a nobreza a falta de herdeiros poderia gerar problemas de sucessão; entre os pobres a falta de ajuda na velhice poderia deixar essa fase da vida ainda mais pesada. E não distinguindo entre ricos e pobres havia o medo de ser um amaldiçoado, um incapaz de gerar. Para o homem, uma vergonha, símbolo de sua falta de virilidade e indício, para as más línguas, de homossexualidade (BLANCO, 1991, p.28). Para a mulher, o não cumprimento de um dever importantíssimo. Mas apenas as pressões sociais fariam os casais medievais desejarem filhos? A obra de Berceo nos sugere que essa se trata de forte aspiração íntima, a exemplo do que experimentaram os pais de Santa Oria, Garcia e Amuña:

Rogavan a Dios siempre de firme corazón que lis quisiesse dar alguna criazón que fues al su servicio, que para otri non, e siempre mejorasse esta devoción. (PSO, 15)

Rogavam a Deus sempre, com firme coração, que lhe quisesse dar alguma criação que fosse a seu serviço, que para outro não, e sempre melhorasse nesta devoção.

Aqui a vontade de ter filhos é condicionada ao futuro da criança, esperando-se que ela servisse, antes de tudo, a Deus. O caso de Santo Domingos de Silos é outro bom exemplo. Vemos seu pai feliz e grato a Deus por ter um filho que lhe ajude no trabalho de pastorear:

Tiniésse el su padre por omne venturado, que criado tan bueno li avie Dios prestado. (VSD, 32)

Tinha-se o seu pai por homem bem aventurado, que criado tão bom Deus lhe havia arranjado.

Mas quando seu filho decidiu levar vida monástica não o impediu, pelo contrário, apoiou-o e procurou quem lhe ensinasse (VSD, 35). Concordamos com James Brodman (1998, p.107) que afirma ser difícil distinguir todos os cuidados dedicados às crianças – e eram muitos, como podemos ver nas suas pesquisas sobre a Catalunha medieval, às prescrições rituais e, acrescentamos, aos interesses próprios. Nessa mesma linha de argumentação, Robert Finucane (2001, p. 60-64) sustenta que se realmente os pais valorizavam a ajuda que recebiam de seus filhos, não era só isso que sustentava sua afeição. Muitos deles, apesar de serem completamente improdutivos recebiam atenções redobradas. Podemos então falar de uma afeição desinteressada por parte dos pais, mesmo que ela incluía expectativas sobre os filhos, como observamos na obra de Berceo, através de vários exemplos. Quando Santa Oria morreu, sua mãe passou a pedir a Deus que a levasse do mundo de modo que pudesse revê-la (PSO, 185), indicando que o amor entre as duas ia além da morte. Quando isso de fato aconteceu, ambas puderam se abraçar “como fazién en vida” (PSO,192a). Se o reencontro de mãe e filha após a morte se deu no Céu, algumas reuniões desse tipo ocorriam na terra. Em certos casos, quando mãe e filho morriam juntos, na maioria das vezes por problemas de parto, poderiam ser enterrados na mesma cova. Num cemitério medieval perto de Barcelona foi encontrada uma mulher sepultada com seu filho entre o seio e o braço esquerdo, simulando a posição do aleitamento (COMIN, 2007, p.71).

Pensar que as pessoas de outrora não poderiam fazer mais do que seguir ritos impessoais e interesses pessoais não seria uma visão tributária do secular preconceito contra a Idade Média?

Gravidez e Parto

A gravidez na Idade Média era um momento especial da vida feminina, bastante desejado, embora constituísse uma fase bastante delicada. Sabendo disso, as mulheres

grávidas, pelo menos as com maiores recursos, recebiam certos cuidados especiais, o ambiente ao seu redor deveria ser acolhedor e aprazível (ALEXANDRE-BIDON, CLOSSON, 1985, p.51).

Na obra de Berceo não encontramos maiores considerações sobre esse importante momento. Impressiona o fato de que um escritor capaz de infundir tanta vivacidade nos seus textos trate o parto, um momento bastante impactante em si mesmo, com tanta simplicidade. Talvez isso se deva a certo pudor do poeta, que comparado a outros, como Afonso X, trata a vida conjugal com muito mais discrição, ou, ainda, por nunca ter visto um parto – sabemos que, salvo exceções, a sala de parto era ambiente exclusivamente feminino (BLUMENFELD-KOSINSKI, 1990, p.10).

Os cuidados com a criança

Com o nascimento da criança é preciso cuidar dela. Nos escritos berceanos os pais são bastante zelosos. Alimentam seus filhos (VSD 13ab), preocupam com suas vestes (VSM 343 ab), e como veremos, com sua educação. Um adereço mal compreendido são as ataduras que vemos com frequência na pintura medieval. Se elas nos parecem incômodas, é bom lembrar que seu uso era sinal de bons tratos, de cuidados dispensados aos bebês, por vários motivos: para manter a criança numa temperatura adequada, para fortalecer seus membros, evitar deformações e para impedir que ela se arranhasse ou caísse do berço (ALEXANDRE-BIDON, CLOSSON, 1985, p.93-102). Além disso, pesquisas recentes mostraram que atar as crianças diminui seu ritmo cardíaco e respiratório deixando-as mais tranquilas (GIALLONGO, 1997, p.128).

Porém, mais importante do que os cuidados físicos eram os cuidados com a alma. O primeiro deles é o batismo, sacramento de grande importância, necessário para a vida presente e futura (SHAHAR, 1990, p.46-50). Caso uma mãe morresse grávida, era obrigatório fazer uma cesariana para retirar o filho do útero e batizá-lo. (BLUMENFELD-KOSINSKI, 1990, p.26-28). Diante disso, os pais de São Millán não esperaram muito para ir à pia batismal:

*Luego que fue nacido, los que lo engendraron,
embuelto en sos panos a 'glesia lo levaron;
como la lei manda baptismo demandaron,
diérongelo los clérigos, de crismo lo untaron.
(VSM, 4)*

Logo que foi nascido, os que o engendraram
envolto em seus panos à igreja levaram;
como a lei mando o batismo demandaram,
deram-lhe os clérigos, de crisma o untaram.

Contudo não é só o sacramento que faz um bom cristão. Berceo coloca na boca de São Domingos de Silos um sermão inteiro falando dos deveres e das ações convenientes a um fiel, e sobre os ensinamentos que os pais devem dar aos seus filhos:

Albergat los romeos que andan desarrados, de vuestros vestidiellos dad a los despojados, castigad vuestro fijos que non sean osados em semnadas agenas entrar con sus ganados.

Mostrad el Pater Noster a vuestras creaturas, castigad que lo digan yendo por las pasturas, más vale digan esso que chistas e locuras, ca suelen tales moços hablar muchas orruras.

Lo que usa el niño en primera edad, después esso se tiene como por eredad, si primero bien usa, después sigue bondad, otrosí faz el malo, esto es grand verdad. (VSD, 469-471)

Abrigai os romeiros que andam desterrados, de vossas vestes dais aos despojados, instruí vossos filhos que não sejam ousados de em terras alheias entrarem com seus gados.

Mostrai o Pai Nosso aos das vossas linhagens, instruí que o digam andando pelas pastagens, mais vale que digam isso do que piadas e bobagens, pois é comum tais moços falarem muitas besteiragens.

O que o menino usa na primeira idade, depois tem como uma propriedade: se primeiro age bem, depois segue bondade, pelo contrário se faz o mal, isso é grande verdade.

Nas duas primeiras estrofes, o termo *castigad* não se refere à violência física ou moral, mas significa instruir, advertir. O santo escolhe a instrução como meio de educar as crianças e não o castigo que, ao que parece, não é presente na obra de Berceo, embora não queira dizer que não existisse na sociedade medieval. É certo que havia castigos e que eles eram permitidos pelas leis ibéricas (PASTOR, 2005, p.454), mas dentro de casa eles não eram tão duros quanto se pode imaginar (LETT, 1999, p.39-40). Não devemos pensar nos pais do medievo como pessoas brutais. Nas obras de Berceo não dão sinal de violência mostrando-se, ao contrário, bastante bondosos com a prole. A visão da displicência do pai em relação a seus filhos, alheio à sua criação, foi construída por historiadores do século XIX e XX, pouco afeitos a prestar atenção em homens que cozinhavam, davam banho e brincavam com suas crianças (LETT, 1999, p.62-63).

A instrução, instrumento apresentado pelo poeta para criar boas pessoas, é ancorada nos preceitos religiosos. Na segunda estrofe, o santo recomenda que os pais ensinem aos filhos sempre rezar o Pai Nosso, pois é melhor rezar do que falar bobagens, como é comum entre os moços. A teologia medieval ensinava que na oração do Pai Nosso estão contidos todos os preceitos que uma pessoa deve saber e, desse modo, fazer com que as crianças rezem-no, é fazer com que aprendam tudo que é necessário para viver corretamente e para alcançar o Céu. No final, o santo esclarece o motivo dessa preocupação dos pais. Eles devem fazer com que seus filhos se comportem bem porque os costumes da infância serão os de toda uma vida. Essa visão encontra-se presente na

linguagem atual, pois não é gratuito o fato de que ao reclamar do comportamento de uma pessoa, mesmo que ela seja adulta, podemos falar que ela é malcriada.

As crianças no trabalho e na escola

Gonzalo de Berceo faz algumas menções ao trabalho infantil nas suas obras. É no cuidar do rebanho que São Millán (VSM, 5) e São Domingos de Silos passaram suas infâncias (VSD, 19). Ocupação em si não tão penosa e que mereceu um longo elogio (VSD, 24-31). Devemos lembrar que, na maioria dos casos, o trabalho era moderado, proporcional à capacidade das crianças (ALEXANDRE-BIDON, 1999, p.78-80) e, por vezes as encontramos ao lado dos seus pais, ajudando na colheita, por exemplo. Porém, ao que parece, não era incomum que apenas acompanhassem os pais na lavoura e, em certos casos, enquanto eles labutavam, elas se divertiam ou descansavam (FINUCANE, 2001, p.125). Segundo Reyna Pastor, no meio rural do norte de Castela, as crianças a partir dos dez anos entrariam numa idade “semi-laboral”, ou seja, faziam pequenos serviços, trabalhavam de modo descontínuo – é nesta fase que encontraríamos os personagens de Berceo. A idade laboral plena era atingida entre os quatorze e quinze anos, concomitante com a fase reprodutiva. Como a maioridade plena só chegava aos vinte e cinco anos, os jovens fixavam-se na propriedade paterna trabalhando junto com seus pais enquanto as avós cuidavam dos netos. A produtividade da família dependida muito no número de jovens que poderiam trabalhar (PASTOR, 1994, p.48-50). As meninas do meio rural também labutavam, especialmente no pastoreio e na colheita. Algumas jovens que trabalhavam em meio urbano, na maioria das vezes como empregadas domésticas, tinham permissão para voltar para casa na época de colher a plantação (VINYOLES, 2005, p.492).

A obra berceana também nos dá algumas imagens da educação medieval. Como ressalta Andréia Frazão da Silva (2008, p.200), os personagens das obras de Berceo procuram sempre aprender, segundo modos de instrução bastante variados.

Santa Oria teve uma preceptora que lhe ensinou, além das matérias profanas, as doutrinas religiosas. Sabemos disso porque Oria nos diz que foi devido ao ensinamento de sua professora que quis entrar na vida religiosa (PSO, 77). Parece ter nutrido bastante afeto por ela já que quando, em visão, é levada ao Céu, pergunta às suas guias pela sua mestra Urraca. Embora poucas, existiram outras professoras de moças na Espanha medieval, como Isabel Escriba, na corte de Afonso V de Aragão, que alfabetizava e

ensinava bons modos às jovens que serviam à rainha. Passado um século, encontramos, em Barcelona, Estefanía Carròs, por mais de vinte anos professora de filhas de nobres e de burgueses. Além disso, seu magistério enfatizava a liberdade responsável para as moças, coisa incomum na época. Pelo menos duas suas contemporâneas fundaram colégios para meninas, Elisabet Cifre, em Palma de Mallorca, e Brianda de Mendoza, em Guadalajara. As três eram solteiras e viam no magistério sua vocação (VINYOLES, 2005, p.491-492).

Outra criança que, ao que parece, recebeu uma educação particularizada foi o filho da abadessa grávida que, quando completou sete anos, foi levado para estudar a mando do Bispo:

Adussieron el niño en el yermo criado, de los dias que era era bien ensañado; plógoli al obispo, fo ende muy pagado, mandó'l poner a letras con maestro letrado. (MNS, 577)

Trouxeram o menino no ermo criado, dos dias que era bem ensinado; aprovou-lhe o Bispo, com isso ficou rejubilado, mandou-lhe aprender letras com um mestre letrado.

Com o passar dos anos o jovem chegou a ser Bispo. O estudo, e nesse caso em conjunto com uma carreira eclesiástica, parece ser visto por Berceo como uma via de ascensão social. Essa visão se coaduna em alguma medida com a realidade histórica do período em questão, pois existem relatos de pessoas de berço muito simples que ascenderam a altos cargos eclesiásticos. Poderíamos citar o exemplo de Jacques Fournier, filho de um humilde trabalhador rural, que foi monge cisterciense, Doutor pela Universidade de Paris, Abade, depois Bispo e finalmente Papa Bento XII. (LANDURIE, 1997, p.12). Outros que tiveram trajetória equivalente foram os Papas Bento XI e Gregório VII, entre outros exemplos não difíceis de encontrar. (ALEXANDRE-BIDON, 1999, p.136)

O estudo era importante, mas nem todos tinham preceptores. Os pais de menores recursos poderiam encaminhar seus filhos para uma escola urbana como a freqüentada pelo menino judeu de Burgos:

Tenié en essa villa, ca era menester, un clérigo escuela de cantar e leer; tenié muchos criados a letras aprender, fijos de bonos omnes que querién más valer. (MNS, 354)

Havia nessa vila, pois era mister, um mestre-escola de cantar e ler; tinha muitos alunos a ler aprender, filhos de bons homens, que queriam mais valer.

Os “*fijos de bonos omnes*” na Idade Média por vezes buscavam o estudo para aprimorar os ofícios de seus pais. Também entre os burgueses, essa prática não seria rara segundo os estudos de Daniele Alexandre-Bidon, para quem os filhos de

comerciantes por vezes aprendiam ler e calcular nas “pequenas escolas que haviam em qualquer vizinhança” (1999, p.82). Entre o século XII e o XIII a Europa pôde conhecer a expansão dos estabelecimentos de ensino concomitantemente ao crescimento das cidades. Em parte isso se deu porque o III Concílio de Latrão (1179) ordenou que toda catedral mantivesse uma escola anexa, ordem que foi estendida pelo IV Concílio de Latrão (1215) para todas as paróquias. (1999, p.121). No século XIII, as principais cidades tinham escolas eclesiásticas e leigas, algumas mantidas por doações. No Sacro Império Romano Germânico mesmo aquelas menores contavam com as suas, que atendiam um número relativamente alto de estudantes. Em Florença, no século XIV, metade das crianças freqüentava escolas e seria alfabetizada. (ALEXANDRE-BIDON, 1999, p.125).

As escolas por vezes não passavam de uma sala onde professor dispunha de um quadro para escrever e um assento e os alunos, por sua vez, acomodavam-se no chão. As aulas começavam bem cedo, antes de amanhecer. E, como também encontramos na *Vida de San Domingos de Sillos*, os alunos escreviam com um estilete em pequenas pranchas de madeira cobertas de cera. Por vezes o professor passava seus livros nas mãos dos estudantes que aprendiam a ler, escrever, calcular e cantar músicas profanas e hinos. Alguns professores usavam músicas, piadas e historietas como recursos mnemônicos para facilitar a aprendizagem. (ALEXANDRE-BIDON, 1999, p.127-132). A maioria das crianças freqüentava a escola por poucos meses, o que seria suficiente para aprenderem o básico e poucas podiam passar anos estudando. (ALEXANDRE-BIDON, 1999, p.125).

Mas não é só para fins de progresso social ou material que vemos crianças ser educadas. São Millán ao decidir seguir vida religiosa nota a necessidade de se estudar os mistérios da Fé. Assim procura São Félices que:

Reciviólo de grado, metió en él misión, demostróli los psalmos por fer su oración con la firme fermencia dióli tal nudrición, qe entendió la forma de la perfección. (VSM, 21)

Recebeu-o de bom grado, colocou-o em missão, mostrou-lhe os salmos para fazer sua oração com firme entusiasmo deu-lhe tal educação que entendeu a forma da perfeição.

São Domingos de Sillos recebe educação monástica e se seu propósito é espiritual, a descrição dela é bastante material:

Diéronli su cartiella, a ley de monaciello, assentósse en tierra, tollósse el capiello, en la mano derecha priso su estaquiello, apriso fasta'l títol en poço de ratiello. (VSD, 36)

Deram-lhe sua tábua, a lei do mongezinho, assentou-se na terra, tirou o gorriño, na mão direito pegou o estiletinho, aprendeu até os detalhes rapidinho.

Era aluno aplicado, não dormia após o almoço para continuar estudando, não era preciso que nem pai nem irmã o fizessem estudar. Como não poderia deixar de ser, teve bom resultado:

Fue en poço de tiempo el infant salteriado, de imnos e de cânticos bien i gent decorado; evangelios, epístolas aprísolas privado; algún mayor levava el tiempo más baldado. (VSD, 38).

Foi em pouco tempo nos salmos versado, hinos e cânticos ele os havia bem decorado; Evangelhos e Epístolas aprendeu apressado; um mais velho levaria tempo mais longado.

Vimos brevemente como nas obras de Berceo a educação das crianças é variada e valorizada. Como observamos anteriormente, o estudo fazia parte da vida de um número considerável de crianças, especialmente nos últimos séculos da Idade Média. Veremos agora um aspecto da vida medieval um pouco mais incomum: os milagres.

As crianças em apuros: os milagres

Na Idade Média muitos eram os perigos aos quais as crianças estavam expostas. A começar do parto, momento perigoso, muitos eram os acontecimentos que poderiam por termo às suas breves vidas. Tanto o ambiente rural quanto o urbano ofereciam seus perigos, os milagres em prol das crianças não eram ociosos, eram uma necessidade. No século XIII esses relatos são abundantes e nas obras de Gonzalo de Berceo encontramos vários deles, que examinaremos em seguida, começando pelos que se encontram nos *Milagros de Nuestra Señora*. Nessa obra temos alguns relatos nos quais as crianças são beneficiadas secundárias e apenas um no qual, sem dúvida, é a criança a principal pessoa visada pela ação miraculosa.

Dois são os milagres nos quais a criança é personagem secundária. O primeiro deles (MNS, 500-582) conta a história de uma abadessa que ficou grávida e foi perseguida por suas freiras que chamaram o bispo responsável para examiná-la. A pobre abadessa, sem saber o que fazer, recorre à Santa Maria que lhe faz dormir e com a ajuda de anjos, opera um parto miraculoso. A criancinha é levada pelos anjos até um santo ermitão que a cria, anos depois ela será religiosa e chegará ao episcopado. O Bispo examina a abadessa e vê que ela não está grávida, em seguida repreende as religiosas

que teriam feito uma acusação falsa. Para não deixar suas monjas em má situação a abadessa confessa que realmente esteve grávida, conta o milagre e a paz é restabelecida no mosteiro.

O outro milagre (MSN, 431-460) no qual a criança nos parece beneficiária secundária é o que conta a história de uma senhora grávida que foi ao Monte de São Miguel e entrou numa capela que lá havia. Como é sabido, o monte é uma ilha sujeita às mudanças da maré. Para a infelicidade da mulher, a maré alta a prendeu na ilha e ela não pode retornar ao continente. Estando para dar à luz, sem ajuda humana e naquele local tão inadequado, foi socorrida pela Virgem Maria que fez seu parto miraculosamente. A mulher ficou muito grata e seu filho sobreviveu.

O milagre no qual a criança é o principal beneficiado pela ação divina é contado na história de um menino judeu que ia escola dos cristãos. Certa vez, vendo seus colegas tomarem a Sagrada Comunhão na Missa, o menino também comungou. Chegando em casa contou para seu pai o ocorrido, não imaginando quão grande seria a ira dele:

Priso esti niñuelo el falso descreído asín como estava, calzado e vestido; dio con él en el fuego bravamente encendido: mal venga a tal padre que tal faze a fijo! (MNS, 363)

Pegou o menininho o falso que não tem crido, assim como estava, calçado e vestido; jogou-o no fogo furiosamente ardido: mal venha a tal pai que faz isso com filho!

A mãe do menino, vendo-o no ardente forno de fundir vidro, de imediato entra em completo desespero:

Metió la madre voces e grandes carpellidas, tenié con sus oncejas lãs massiellas rompidas; ovo muchas de yentes en un rato venidas, de atan fiera quexa estaban estordidas. (MNS, 364)

A mãe muito chorou, lamúrias gritadas, havia com suas unhas as faces rasgadas; muitas pessoas foram de chofre chegadas, por tão dura queixa estavam pasmadas.

Não são apenas ações extremadas – chorar, gritar, arranhar o próprio rosto – devidas a uma situação tão dramática. A eminente morte do filho poria fim ao relacionamento terno dele com sua mãe já que:

Yazié en paz el niño em media la fornaz, en brazos de su madre no yazrié más em paz. (MNS, 366 ab)

Jazia em paz o menino no meio da fundição, No colo da mãe, em paz, não ficaria mais não.

A tensão do relato é focada no par mãe-filho, que o salvam. Ao sair do forno ileso o menino, com a inocência de quem não percebe a gravidade da situação vivida, diz:

La dueña que estava enna siella orada con su fijo en brazos sobre'l altar posada, essa me defendié que non sintía nada. (MNS, 369 bd).

A Senhora que estava na sela honrada com seu filho nos braços sobre o altar repousada, Ela me defendeu, assim não senti nada.

Os santos também fazem seus milagres, aliás, quase não há santo na Idade Média sem milagres em favor de uma criança! Um dos primeiros, realizado por São Domingos de Sillos foi em favor de Oria, uma menina que quis ser monja e procurou a sua tutela. Após ser acolhida pelo santo e viver algum tempo praticando a religião no claustro, foi a “beneíta niña” infernizada pelo demônio. O “mortal inimigo” buscava maneiras de espantá-la, fazia-lhe gestos feios, aparecia-lhe com sua figura medonha e, transformando-se numa serpente, enlaçava-se no pescoço da pequena monja. Oria não sabia o que fazer e pediu socorro a São Domingos. Somente quando ela se confessou e ele rezou a Missa o demônio foi expulso (VSD, 332).

O segundo milagre em favor de uma criança é muito breve, sobre certo menino cuja mão estava muito dolorida. Após o santo rezar a missa por ele, a sua mão, além de ser curada, fica melhor que antes (VSD, 442-443).

O terceiro milagre feito por São Domingo de Silos por uma criança ocorreu quando o santo já tinha falecido, detalhe que de modo algum impediria suas ações caritativas. Havia em Aragão um menininho chamado Pedro que enfermou gravemente, não conseguia comer, andar ou enxergar, e os médicos não podiam fazer mais nada. Com o pequeno Pedro nesse estado seus “parientes de coita andavam doloridos” e, não havendo mais recursos naturais, foram à casa do santo e colocaram o menino no chão em frente ao seu sepulcro. Graças a “Jhesu Christo e al buen confessor” passados três dias o menino foi curado e voltou para sua casa.

Tres dias con sus noches ant el cuerpo yoguieron, fizieron sus ofrendas, SOS clamores tovieron, vertieron muchas lágrimas, muchas preces ficieron. pocos fueron los dias mas gran pena sufrieron. (VSD, 544).

Três dias e três noites ante o corpo jazeram, fizeram suas oferendas, seus clamores deram, verteram muitas lágrimas, muitas preces fizeram poucos foram os dias, mas grandes dores sofreram.

Como dissemos, quase não há santo medieval que não faça um benefício para alguma criança. Assim como São Domingos, São Millán de la Cogolla foi um taumaturgo em prol dos pequenos. Seu primeiro milagre favoreceu uma “mancebiella” de Amaya, vila a noroeste de Burgos, que era paralítica dos pés desde a infância. A menina acreditava que poderia ser curada se apenas tocasse as vestes do santo. Conseguiu convencer alguns homens que a levassem até ele, em um carrinho, e

andaram muitos quilômetros até encontrar quem procuravam. Contudo, como era quaresma, São Millán não fazia nenhum trabalho e com ninguém conversava. Não sendo atendida, a menina pôs-se a chorar e implorar ajuda. Comovido, o santo voltou-se para Deus pedindo a cura da jovencinha e mandou um seu discípulo levar seu báculo até a sofredora. Tendo em mãos o báculo, ela começou a beijá-lo, enquanto Deus, pela intercessão de seu servo, curou-a. Alegre e satisfeita voltou para sua casa. (VSM, 138-153).

Outro milagre em prol de uma criança feito por São Millán deu-se com uma menininha (*peonciella*) da vila de Prado, uma benção de Deus para um casal que “más amavan a ella qe quant’ avién ganado” (VSM, 342d). Os pais que a mantinham “siempre bien vestidiella” sofreram fortemente quando a menina, aos três anos, caiu enferma. “Por la sue muerte misma non serién más cuitados” (VSM, 344b). Naquele sofrimento pensaram em levar a pequenina ao sepulcro do santo, abasteceram-se de óleo e cera para oferecerem e partiram. A jornada, contudo, sofreu duro revés já de início pois, pouco tendo caminhado a menina morreu!

Los parientes del andavan enloquidos, tirando sos cabellos, rompiendo sos vestidos, los qe eran con ellos en ompaña venidos, aderredor del cuerpo sedién muy doloridos. (VSM, 347)

Os seus pais andavam enlouquecidos, arrancando os cabelos, rasgando seus vestidos, os que eram com eles, em companhia vindos, ao redor do corpo ficavam muito condoídos.

Apesar do impacto o casal se recobrou um pouco e, mesmo chorando, decidiu continuar a viagem, agora esperando que o santo pudesse ressuscitar o corpo da filha. Chegando ao seu destino colocaram o corpo morto da menina diante do corpo do santo. Os monges do local vendo-os tão quebrantados e imaginando que estavam com muita fome convidaram-nos para jantar, o casal concordou e foi ao refeitório, onde adormeceu devido ao cansaço de andar e de chorar. Após um tempo os pais acordaram e, com os corações flechados de dor, foram continuar a vigília à pequenina defunta. Contudo, Deus tinha-lhes agraciado:

Luego qe asomaron a ojo del altar, vidieron la defunta en sos pides estar, viva e bien guarida reír e trebejar, tan bien como si fuesse criada del logar. (VSM, 357)

Logo que deram uma olhada no altar, viram a difunda em seus pés estar, viva e bem curada a rir e trabalhar, tão bem como se fosse criada do lugar.

Os pais quando viram o ocorrido não acreditaram, mas por fim se convenceram e a felicidade tomou conta deles, dando graças a Deus, cantando e chorando, e como eles, os demais presentes, monges e leigos, se alegraram. Depois ouviram a Missa,

fizeram suas devoções e então voltaram para casa. Impressiona a vivacidade infundida pelo poeta. A relação afetiva entre os pais e a filha é valorizada e ganha detalhes. As emoções têm um papel mais destacado, a dor dos pais é mais ressaltada, o infortúnio familiar comove as pessoas em redor. Contado o milagre, vejamos como foi descrito, em português moderno, no poema original que serviu de inspiração para Berceo:

Outra vez, certa menina, com cerca de quatro anos, de um lugar em Prado, que não fica longe do oratório, foi acometida por uma enfermidade que a colocou às portas da morte. Seus pais, por serem piedosos e temendo perder sua filha, concordaram que ela deveria ser levada até o sepulcro do bem-aventurado varão de Deus e, andando, a viram espirar no caminho. Isso não enfraqueceu sua fé: levaram-na morta, depositaram junto ao altar quando já anoitecia e retiraram-se dali deixando-a sozinha. Passadas três horas voltaram, estando oprimidos pela tristeza, com ânsia de ver o que teria ocorrido, e o que o Criador quisera fazer daquela menina. Encontraram viva a que tinha deixado morta, e não somente viva, mas brincando com os panos do altar. Louvaram a Cristo, criador de todas as coisas, que olhou benignamente sua devota dor. (BRAULIO, 1976, p.40)

Se de um texto para o outro existe tão grande diferença pensamos que, em boa parte, isso se deve ao autor e seu meio. São Bráulio, autor do texto que foi base para o poema, era um bispo aristocrata. Gonzalo de Berceo era um padre com maior contato com o povo e assim mais capaz de notar seus sentimentos. A diferença entre os dois é devida, certamente à época, pois é sabido que com os séculos os santos vão sendo cada vez mais humanizados nos escritos hagiográficos. Além disso, talvez a diferença entre os textos acompanhe o desenvolvimento de uma atitude mais positiva frente às crianças no interior do período medieval que, no seu início, começou a tratá-las de modo especial. Seriam necessárias mais pesquisas sobre a alta Idade Média e as diferenças desse período para o anterior e o imediatamente posterior.

Considerações finais

Diante do exposto, nos sentimos autorizados a afirmar que, sem cair numa visão romântica da Idade Média, não vemos como sustentar a tese de Philippe Airès. Esperamos, mesmo que em pequena medida, ter contribuído para os estudos da infância medieval na península Ibérica. Gonzalo de Berceo nos ajudou bastante nesse percurso e como ele “de fazer *est travajo ovi muy gran deseo, riendo gracias a Dios* quando fecho *lo veo [...]*”. (SDV, 757)

Abstract

In this work we shall make some considerations on childhood in the XIIIth Century, being critical of the known thesis by Philippe Airès. On such intent, we shall discuss the works of Gonzalo de Berceo, the first known poet to write in Castillian language.

Key words: Childhood; Middle Ages; Gonzalo de Berceo; Philippe Airès.

Referências

ALEXANDRE-BIDON, Daniele; CLOSSON, Monique. *L'enfant à l'ombre des cathédrales*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1985.

ALEXANDRE-BIDON, Danièle; DIDIER, Lett. *Children in the Middle Ages: Fifth – Fifteenth Century*. Notre Dame: The University of Notre Dame Press, 1999.

ALEXANDRE-BIDON, Daniele. The Child in Society: Twelfth-Early Sixteenth Centuries. In: ALEXANDRE-BIDON, Danièle; DIDIER, Lett. *Children in the Middle Ages: Fifth – Fifteenth Century*. Notre Dame: The University of Notre Dame Press, 1999, p.71-153.

ANONIMO. *Libro de Alexandre*. Madrid, Editora Nacional, 1983.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARTILES, Joaquín. *Los recursos literarios de Berceo*. Madrid, Editorial Gregos, 1964.

BECCHI, Egle; JULIA, Domenique. *Histoire de l'enfance en Occident*. v.1. De l'Antiquité au XVII siècle. Paris: Seuil, 1998.

BEJCZY, István. The Sacra Infantia in Medieval Hagiography. In: WOOD, Diana (org.). *The Church and Childhood*. Oxford, Blackwell, 1994.

BLANCO, Carmen Maria Martinez. *El niño en la literatura medieval (Para una historia social y de las mentalidades de la infancia)*. Tesis Facultad de Filología da Universidad Complutense, Madrid, 1991.

BLUMENFELD-KOSINSKI, Renate. *Not of Woman Born: representations of caesarean birth in Medieval and Renaissance Culture*. Ithaca in New York and London: Cornell University Press, 1991.

BRAULIO DE SARAGOZA. Vida y Milagros de San Millán. In: OLARTE, Juan. *San Millán de la Cogolla*. Madrid, Editorial Augustinus, 1976, p.11-40.

BRODMAN, James William. *Charity and Welfare: Hospitals and the Poor in Medieval Catalonia*. University of Pennsylvania Press, 1998.

CERRATO, Frei Rodrigo de. Vida de Santo Domingo de Guzman. In: CARRO, Frei Venancio Diego. *Domingo de Guzman: historia documentada*. Madrid. Editorial OPE, 1973, p.775-801.

CHAVES, Teresa Labarta de; CHAVES, Maite. Influencia de las artes visuales en la caracterización de la Virgen en Los Milagros de Nuestra Señora. *Berceo*, Logrono, nº 94-95, 1978, p.89-96.

COMIN, Xavier Jordana. *Caracterització i evolució d'una comunitat medieval catalana: estudi bioantropològic de les inhumacions de les Esglésies de Sant Pere*. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona. Tesis Doctoral, 2007.

FINUCANE, Ronald. *The Rescue of the Innocents: endangered children in medieval miracles*. New York: St. Martin's Press, 2000.

GIANLLONGO, Angela. *Il bambino medievale. Educazione ed infanzia nel Medioevo*. Bari, Editore Dedalo, 1997.

GONZALO DE BERCEO. *Obras completas*. Isabel Uría (coord.) Madrid-Logroño, Espasa-Calpe, Gobierno de La Rioja, 1992.

HANAWALT, Barbara. *Growing up in medieval London: the experience of childhood in history*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HERRERO, Maria del Carmen García. *Elementos para una historia de la infância y de la juventud a finales de la Edad Media*. Actas de la VIII Semana de Estudios Medievales: La Vida Cotidiana em la Edad Media. Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1998, p.223-252.

LANDURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou: povoado occitânico 1294-1324*. São Paulo. Companhia das Letras. 1997.

PASTOR, Reyna. "Jóvenes campesinos de las pequeñas explotaciones: entre la reproducción y el trabajo: Reino de Castilla, siglos XIII-XIV". *Revista d'història medieval*, n. 5, p.41-54, 1994.

PASTOR, Reyna. Mujeres populares, realidades y representaciones. In: *Historia de las mujeres em España y América Latina, V.1 de la Prehistoria a la Edad Media*. Madrid, 2005, p.445-477.

SAUGNIEUX, Joël. *Culture Populaire et culture savante dans l'oeuvre de Berceo (problemes de methode)*. Actas de las II Jornadas de Estudios Berceanos, Logrono, 1978, p.65-84.

SCHWARTSMAN, Hélio. *A tragédia de Beslan e o amor às crianças*. Folha de São Paulo. 09/09/2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartzman/ult510u356067.shtml>. Acesso em 20/11/2009.

SHAHAR, Shulamith. *Childhood in the Middle Ages*. London and New York: Routledge, 1990.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói, EdUFF, 2008.

VALLEJO, Fernando Baños. *Las Vidas de santos en la literatura medieval española*. Madrid, Ediciones del Laberinto, 2003.

VINYOLES, Teresa. Nacer y crecer en femenino: niñas y doncellas. In: *Historia de las mujeres em España y América Latina, V.1 de la Prehistoria a la Edad Media*. Madrid, Editorial Cátedra, 2005, p. 479-500.